



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v25n02/2018p36-61>

MEUS VÁRIOS QUINZE ANOS, DE SYLVIA ORTHOF E A FORMAÇÃO DE LEITORES

MEUS VÁRIOS QUINZE ANOS, BY SYLVIA ORTHOF AND THE TRAINING OF READERS

Elizete Dall'Comune Hunhoff¹
 Sandra Sara de Oliveira²

Recebimento do texto: 20/08/2018
 Data de aceite: 25/08/2018

RESUMO: Neste texto, visamos a apresentar um estudo sobre a atuação da leitura e da literatura infantojuvenil na formação intelectual de jovens leitores. Para tanto, baseamo-nos em referenciais bibliográficos de autores que publicaram nessa área de interesse, de forma engajada, tais como: Coelho (2000), Lajolo (2006), Orthof (1997), Zilberman (2005), dentre outros, que trazem as propostas de mudanças sociais que o mundo contemporâneo exige. Constituímos um *corpus* para análise, com a obra “Meus Vários Quinze Anos”, de Sylvia Orthof, na qual pudemos vislumbrar objetivos da narradora em relação ao contexto social de meados do Século XX. Esperamos que o leitor possa refletir sobre a sua ação literária em relação à literatura, à leitura e ao seu possível compromisso na formação de leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil; Leitura; Ensino.

ABSTRACT: In this text, we aim to present a study on the actuation of reading and children and youth literature in the intellectual formation of young readers. To this end, we have relied on bibliographic references of authors who published this area of interest, engaged manner, such as Rabbit (2000), Lajolo (2006), Orthof (1997), Zilberman (2005), among others, which bring proposals for social change that the modern world demands. We constitute a corpus for analysis, with the work "My Several Fifteen Years" by Sylvia Orthof in which we glimpse good cheer goals of the narrator in relation to the social context of the mid-twentieth century. We hope that the reader can to reflect about their literary action in relation to literature, reading and commitment in the formation of readers.

KEYWORDS: Infantojuvenil literature; Reading; Education.

¹ Doutora em Literatura pela USP e professora da UNEMAT. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “LIPP- Literatura Infantojuvenil: Poesia e Prosa”. E-mail: elizetedh@unemat.br

² Componente do Grupo de Pesquisa “Literatura Infantojuvenil: Poesia e Prosa – LIPP”. oliveirasarasandra@hotmail.com



A literatura infantojuvenil é recente no contexto literário universal e encontrou importante lugar na sociedade letrada brasileira, quando foram escritos “[...] os primeiros livros brasileiros para crianças ao final do século XIX, de modo que a literatura infantil nacional contabiliza mais de cem anos de história”. (ZILBERMAN, 2005, p.11). Assim, “[...] os estudos nacionais sobre a Literatura infantojuvenil são bastante recentes”. (ZILBERMAN; LAJOLO, 2006, p.10). Ao longo desse percurso a literatura para o público infantil e juvenil se desenvolveu sobre vários aspectos, pois, teve espaço não só nas bibliotecas e livrarias, mas também na escola, com função educativa. Vimos que essa literatura, em cada época, inova-se: deixa de ter caráter pedagógico e lúdico, e desenvolve a característica de engajamento, de passar valores sociais para os leitores, por meio dos conteúdos que os enredos das histórias apresentam.

As primeiras obras literárias infantis e juvenis foram adaptações de obras destinadas a adultos e, no Brasil, muitos autores optaram por traduções providas de autores de outros países. Para Zilberman (2005, p.13), “[...] a literatura não contraria a velha lei de Lovoiser, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, [...]”. Assim, compreendemos que a literatura infantojuvenil se originou a partir de outras literaturas anteriores, só que constituída com outro aspecto. Em virtude de as crianças serem vistas, inicialmente, como pessoas que não tinham capacidade de pensar, que apenas deveriam reproduzir o que os adultos lhes ditassem, o folclore foi, em medida, um importante viés utilizado na literatura para atrair as crianças e os adolescentes. Conforme a



autora (2005, p.40), “O folclore foi, desde o começo da literatura infantil brasileira, um dos tesouros de que os escritores se socorreram quando queriam produzir textos capazes de atrair o novo público”.

Conforme Zilberman (2005, p.19), podemos ter orgulho das produções de Monteiro Lobato, que é considerado “[...] o sucessor desse núcleo original, aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou”. Monteiro Lobato, por ser um grande escritor de textos infantojuvenil, marcou a história da literatura dirigida ao público jovem e é lembrado por vários autores que falam sobre a literatura infantojuvenil. Posteriores a Monteiro Lobato, temos, no cenário nacional, outros grandes nomes, tais como Ziraldo, Lygia Bojunga Nunes, Maria Clara Machado, Pedro Bandeira, etc.

Leitura e reflexão

Quando falamos de leitura crítica e reflexão, estabelecemos um fator extremamente importante em nosso estudo, pois, esse é um tema cujo viés nos interessamos em destacar, por ser um dos elementos norteadores de nosso trabalho. A literatura infantojuvenil, como mediadora na interpretação de mundo, visa à literatura como uma fonte rica de leituras que capacita o leitor para um amplo desenvolvimento intelectual, levando esse leitor a preparar-se a uma visão de mundo diferenciada daquele que não tem o hábito de ler. Entendemos que a leitura literária é o melhor meio de conhecimento e o indivíduo que é capaz de interpretar o que está escrito nas entrelinhas terá, sem dúvida, um papel importante a desempenhar na



sociedade. O aluno que desenvolver o hábito de ler desde a infância, possivelmente, terá melhor desenvolvimento intelectual e não se desvinculará do ato de ler ao longo da vida.

As pesquisas recentes mostram que a literatura infantojuvenil é um gênero literário que passou a ser valorizado, visto como parte das publicações e teve seu espaço ampliado na escola e em boa parte das casas dos brasileiros. É importante que a sociedade entenda que a literatura, quando bem trabalhada nas escolas, visa a resultados satisfatórios, pois, beneficia os alunos em seu crescimento intelectual, como já elencamos. Uma das funções da literatura é instigar o aluno para que se interesse pela leitura e, mediante isso, torne-se pessoa com capacidade de argumentar, de melhorar suas habilidades de escrita, e que coloque a leitura como uma rotina. E, como a educação inicia nos primeiros anos de vida, a leitura também deve ser inserida no início da vida escolar do educando, com importante ferramenta, uma aliada, no contexto escolar para o desenvolvimento do leitor crítico.

O livro literário: reflexões teóricas e práticas na obra de sylvia orthof

Ao analisar a obra literária “Meus Vários Quinze Anos”, de Sylvia Orthof, visamos a reconhecer na mesma caracteres críticos e, possivelmente, formadores de intelectualidade. O livro “Meus Vários Quinze anos”, de Orthof, pertence ao gênero literário infantojuvenil. Nele a autora retrata a arte de adolecer e de viver. Quando a narradora fala-nos em seus quinze



anos, logo nos recordamos da juventude, isso porque geralmente nessa faixa etária o ser humano começa a despertar sua consciência para o futuro. Todavia, a obra retrata os quinze anos de forma diferente. A narradora conta sua história a cada quinze anos de vida. Ao lermos a obra percebemos que o narrador procura mostrar que não é apenas em nossos primeiros quinze anos que o tempo é de descoberta. Esse marca, na verdade, uma fase importante, mas as outras quinzenas que seguem também têm relevância em nossas vidas. A vida é constituída por vários quinze anos, com suas características, particularidades e limitações, cujos ciclos quinzenais proporcionam ao leitor ampliar seu conceito de juventude.

Análise do *corpus*

“Meus Vários Quinze Anos” tem como personagem principal Violeta. O enredo é narrado em primeira pessoa, pela personagem que conta sua história. Inicia com os primeiros quinze anos, depois vem o segundo, até o quinto, constituindo o título da obra. Violeta descreve a sua vida, fala sobre seus sentimentos, paixões, comportamentos. São retratados no livro assuntos cotidianos, problemáticas, típicos dos seres humanos, descobertas, decepções, tudo que acontece no decorrer da vida, garantindo, dessa forma que o leitor, ao ler a obra, envolva-se, emocionalmente, com o enredo. Violeta narra as grandes etapas de sua vida, contando-as de quinze em quinze anos.

Aos quinze anos de idade, a narradora fala sobre coisas que, para uma adolescente, tornam-se grandes problemas, como o cabelo que ela não





gostava, seu nome que dizia ser feio, descreve a si mesma como uma rebelde, característica própria de uma juvenzinha.

[...] sempre fui tímida [...]. Meu nome, Violeta, eu achava horrível. Um dia, vi um anúncio num jornal que falava de um concurso de poesia. Fiquei toda misturada de ideias, pensava e não pensava naquilo, e comecei a sonhar, queria ser igual a Raquel de Queiroz, que tinha escrito um romance chamado *O Quinze*. Eu ficava imitando a Raquel, seus óculos, o cabelo. Mas o danado do meu cabelo era crespo e a Raquel tinha um jeito comportado, cabelos lisos, rosto sereno (ORTHOF, 1997, p. 9). (Grifo da autora).

Percebemos no relato, o modo de pensar juvenil, de seus primeiros quinze anos, quando o sentimento e a emoção tomam conta do ser. Para Philippe Ariés (1981, p.29), essa fase é considerada a idade “[...] do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, [...]”.

Vimos que Orthof desenvolveu seu trabalho colocando a adolescência como tema central da obra, considerando que, até a pouco tempo não existia a visão que temos do ser adolescente que há atualmente, a criança era considerada como tal até a vida adulta, não havia uma concepção e uma separação da infância para a adolescência, depois, para a juventude, em seguida para a vida adulta e depois para a velhice; essa classificação é recente. Philippe Ariés (1981, p.39) expõe: “[...] até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido”. E por muito tempo não



houve “[...] lugar para a adolescência. Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância”. (IBIDEM, p.29).

Conforme afirma Ariés, no século XX, o termo “adolescência” se expandiu e esta foi considerada como uma das fases importantes da vida humana, pois, é quando ocorrem mudanças extraordinárias na sua vida. A autora procura mostrar ao leitor que as mudanças ocorrem em nossas vidas, sucessivamente, e que precisamos estar abertos à recepção de novos fatos e às surpresas que podem causar.

Em plena juventude, no seu segundo “quinze anos”, com trinta anos de idade, Violeta descobre a traição de seu marido que se interessou por sua melhor amiga: "Eu tinha uma amiga, muito amiga. A gente vivia como duas adolescentes, apesar de termos trinta anos de idade. Já éramos mães, vivíamos trocando receitas, contávamos segredos, sabíamos dar risadinhas. [...]” (ORTHOF, 1997, p.16). E, um dia em que a narradora tem uma surpresa: "Marilda me confessou que não amava mais o marido dela, o Renato. – Estou apaixonada pelo teu marido – e o José? perguntei, com medo de ouvir a resposta. – Ele também". (ORTHOF, 1997, p.18). A surpresa e a decepção marcam a segunda fase de sua história, também a traição e a falsidade são postas em evidência.

No “terceiro quinze anos”, aos quarenta e cinco anos de idade, Violeta reencontra seu ex-marido com a nova esposa, sua antiga “querida amiga”. Na citação abaixo podemos entender como se passou a fase dessa quinquena.

Um dia, fui ao Teatro Municipal, [...] com dona Arminda, que me arrumara os convites. Ela não queria ir





sozinha, [...]. Eu não queria ir naquele lugar, ali, na plateia, caríssimo. Lá fui eu, [...]. Acompanhei dona Arminda, sentia-me o próprio patinho feio. Sentamos. Dona Arminda não parava de falar, [...] Na minha frente... Ai, na minha frente estavam meu ex-marido e minha ex-amiga Marilda! Me escondi. O botão do casaco emprestado que eu usava, de repente, enganchou no colar de falsas pérolas. Fui puxar... o colar arrebentou. – Seu colar de pérolas arrebentou! – gritou dona Arminda. – Deixa não tem importância – sussurrei, encabulada. Ai, como demorava a começar aquele concerto [...]. Marilda encontrou uma pérola, virou-se para entregar. Tive que estender a mão. Marilda e eu, mãos juntas, e a falsa pérola ali, a falsa amiga, a falsa amizade... – Como vai Marilda? – indaguei. Minha voz saiu petulante, adolescente, forte. Olhei Marilda nos olhos, peguei a pequenina pérola. – Oi, Violeta, como está? – respondeu Marilda encabulada. – Não precisava se abaixar. A pérola é muito... muito...[...] FALSA! – gritei. O concerto começou. Eu me senti, de repente, rainha. (ORTHOF, 1997, p.20-21).

Percebemos que Violeta se utiliza o fato para se posicionar diante da situação, de forma a sobressair-se, ao utilizar a palavra “falsa”, diz, não apenas que a pérola era falsa, que falsa era a antiga amiga Marilda. Na força do grito da narradora, sente-se a polissemia do vocábulo. O xingamento se faz num plano de dupla significação, a personagem arrebenta com o sossego da traidora. Segundo Ferreira (2009, p.1.592), a polissemia: “[...] tem várias significações. Quando um termo se usa com várias acepções diz-se que há polissemia”. Assim a palavra “falsa” sugere, “[...], fingimento, dissimulação ou dolo. Desleal, pérfido, traiçoeiro”. (Idem, p.870).



Violeta supera suas frustrações, enfrenta seus desencantos, amadurece e, por fim, casa-se novamente. Mas é no trabalho que ela encontra um novo sentido para a vida.

Quando saíamos do concerto, dona Arminda encontrou um conhecido de longa data. Ele nos ofereceu carona. No dia seguinte, resolvi fazer o pudim. Eu estava colocando o pudim, o eterno pudim no forno, quando a campainha tocou. Era dona Arminda, acompanhada do tal senhor, seu Leonardo. – Achamos mais algumas pérolas no carro do Leonardo, Violeta. [...] Aí, viemos entregar. – Ora, são pérolas falsas, nem precisavam! Mas agradeço – respondi. Seu Leonardo contou que era viúvo Vi que... Sei lá, seria imaginação? Meu coração batia, eu estava um pouco afogueada, nervosa. [...] – Vocês aceitam pudim? Está saindo do forno! Aceitaram. Fui para a cozinha... Que horror: o pudim ficara tempo demais no fogo! Havia queimado. – O pudim queimou perdão – desculpei-me envergonhada [...] Acabamos nos casando. Só que minha vida ficou um pouco diferente da anterior, quando eu era casada com o José. Continuei a trabalhar, a pintar azulejos. Aos quarenta e cinco anos de idade, fiquei mais moça do que aos trinta... Deixei brotar minha independência financeira, ora! Comecei a fazer painéis grandes, para arquitetos. Continuo, também, a fazer pudins deliciosos. Leonardo adora! (ORTHOF, 1997, p.23-25).

Simbolicamente, o pudim representa a metáfora da descoberta do prazer que Violeta tem ao longo da vida, o doce, o sabor da mudança. O primeiro episódio de Violeta com o pudim, em que, em uma noite de insônia, levanta para comer o pudim, escondido, e estraga o mesmo que estava preparado para as visitas, “[...] minha mão tremeu e o pudim tremeu junto, [...] caiu no chão”. (ORTHOF, 1997, p.13) e foi punida, a mãe



castiga-a, “[...] mamãe mandou que copiasse cinquenta vezes a receita de pudim... E tinha que ser naquela hora da madrugada!” (ORTHOFF, 1997, p.13). A receita do pudim reescrita no caderno acaba acompanhando-a para sempre. O pudim traduz significações de momentos marcantes em sua vida, e Violeta continuou a preparar a receita no decorrer dos anos. É um símbolo que permanece e se altera com o passar do tempo, assim como é a vida. Ao chegar a velhice ela começa a queimar o pudim em virtude do esquecimento, da idade, diferentemente de quando ela deixou queimar o pudim pela primeira vez, levada pela emoção, devido o Leonardo aparecer, inesperadamente, em sua vida. A cada vez que ela queima o pudim, o motivo é outro, reflexo de algo que faz parte da natureza da vida, culminando com o esquecimento que ocorre na velhice.

A personagem mostra como descobriu, no novo casamento, o poder da mulher, das relações interpessoais, ela conseguiu se libertar para garantir sua independência e livre-arbítrio.

No quarto ciclo de quinze anos, aos sessenta anos, aventurou-se em novas e melhores maneiras de viver, descobrindo novas amizades, e mostra que sempre é tempo de recomeçar, que a vida continua, apesar das dificuldades.

Continuo adolescente: tenho quatro vezes quinze anos de idade, sou uma garota de sessenta. Puxa, como é bom ter amigos! A coisa mais importante, na amizade, é saber que as pessoas são muito diferentes entre si. Se a gente procurar somente afinidades, é melhor ficar sozinha, olhando para o espelho. (ORTHOFF, 1997, p.26-29).



Percebemos que Violeta, nessa fase, encontra-se em um maior nível de maturidade, e sempre com a mente aberta. Violeta procura viver da melhor forma possível, buscando continuamente novas possibilidades. Vive um momento historicamente constituído, a mulher dos anos setenta do século XX não mais se submete ao patriarcalismo machista, vai à luta, faz cursos, ganha seu dinheiro e independência. Segundo Elzimar Campos Guimarães:

O ser humano, ao longo de toda sua existência, deveria investir num saber vivo, um saber que, em cada período de sua vida, se renovasse como conhecimento adquirido no processo de viver; o ser humano deveria poder enxergar com bastante nitidez o futuro que o espera e, dessa maneira, não ignorar o passar dos anos, o desgaste e a decadência física inevitáveis; deveria criar para si a concepção do envelhecer como sendo mais uma etapa a ser vivida por ele e seus semelhantes; perceber que, ao envelhecer, torna-se pleno, traz consigo histórias, e, em suas lembranças, marcas de toda uma trajetória vivida, contendo suas angústias e paixões; por fim, o ser humano deveria trabalhar, tendo em vista objetivos e projetos que deem segmento à sua vida. (2007, p.12)

Isso tudo pode ser percebido no percurso narrativo de Orthof, a qual produz uma preocupação alvissareira, em mostrar o ser humano com possibilidades de autorreflexão.

No quinto ciclo quinzenal, já com setenta e cinco anos de idade, envolveu-se com a música como forma de exercitar a imaginação, de não se acomodar, descobriu novas realidades. "Agora que tenho setenta e cinco anos de adolescência, resolvi estudar música!" (ORTHOF, 1997, p. 52).



Para Simone de Beauvoir, a juventude se renova quando o ser humano é ativo e útil.

[...] se a cultura [...] fosse prática e viva; se através dela o indivíduo se realizasse e se renovasse ao longo dos anos, em todas as idades ele seria um cidadão ativo e útil; [...] na sociedade ideal que acabo de evocar, pode-se imaginar que a velhice, por assim dizer, não existiria; [...] um indivíduo morreria sem ter passado por uma degradação; a última idade seria realmente conforme a definição que dela dão certos ideólogos burgueses: um momento da existência diferente da juventude e da maturidade, mas possuindo o seu próprio equilíbrio e deixando aberto ao indivíduo um grande leque de possibilidades. (BEAUVOIR, 1970, p. 351 *apud*. GUIMARÃES, 2007, p.22)

Com equilíbrio mental Violeta vive todo um leque de possibilidades experienciais, intensamente, não se abate, mesmo tendo sofrido a grandes perdas e decepções. Não se abalou diante das dificuldades. E, mesmo com o passar do tempo, com a idade avançada, Violeta permaneceu com o espírito jovem, não perdeu a vontade de descobrir novas experiências e viajar. Viveu várias adolescências, a cada, uma descoberta diferente e tinha, acima de tudo, uma imensa vontade de viver.

A voz feminina

A personagem Violeta nasceu em meados do século XX, uma época em que o machismo prevalecia na cultura nacional. Com o passar dos anos a sociedade foi se transformando e a mulher foi conquistando seu espaço na



sociedade. Essa realidade é presente na evolução experiencial da personagem, pois ela se desenvolveu emocional e intelectualmente, não permaneceu na obscuridade.

Ai, como prezo minha liberdade econômica! Trabalho, não vou aceitar nunquinha esse negócio de ser aposentada! [...] Acho que tenho saúde porque trabalho, me sacudo, enfrento. Resolvi entrar para o curso de ioga, presto atenção nos silêncios, no em volta, faço exercícios, me cuido. (ORTHOF, 1997, p.36).

Percebemos que ela conseguiu se libertar dos resquícios de machismo que a dominava na época entre os seus quinze e trinta anos, quando era adolescente e de quando era casada com o primeiro marido. Sobre isso recorreremos a Simone de Beauvoir que diz:

[...] em virtude da desigualdade econômica que favorece certos indivíduos e do direito reconhecido à mulher de se vender a um desses privilegiados — ela precisa de um esforço moral maior que o do homem para escolher o caminho da independência. Não se compreendeu suficientemente que a tentação é também um obstáculo, e até dos mais perigosos.

E essa tentação se acompanha de uma mistificação, porquanto, na realidade, só uma ganha, entre milhares, na loteria do bom casamento. A época atual convida as mulheres ao trabalho, obriga-as mesmo a isso, mas acena-lhes com paraísos de ócio e delícias e exalta as eleitas bem acima das que permanecem presas a este mundo terrestre. O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem ardentemente agradar aos homens. Em conjunto, elas ainda se encontram em situação de vassalagem. Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal





qual o homem a define. Cumpre-nos, portanto, descrevê-la primeiramente como os homens a sonham, desde que seu ser-para-os-homens é um dos elementos essenciais de sua condição concreta. (1970, p.176-177).

Acompanhamos na obra as mudanças culturais-sociais em relação à mulher por meio das descrições das ações da personagem, que não são apresentadas explicitamente, mas percebemos pelo modo que ela conta sua história e, conseqüentemente, da época em que se passa cada fato. "Olho pro espelho e não sinto aquela aflição das rugas. Se reparo melhor, descubro que gosto de minha aparência agora. Meu rosto é o de uma adolescente velhice, já que pretendo viver". (ORTHOF, 1997, p.27). Entendemos que, enquanto temos vontade de viver, podemos nos sentir adolescentes. A adolescência é descrita na obra, não como uma fonte de vida, como vontade de viver. Violeta se sentia adolescente porque tinha essa vontade.

A obra e a interpretação

Na obra literária discutida, Orthof transforma as palavras, utiliza sua criatividade para produzir literatura, mas não uma literatura pueril, dirigida somente ao público jovem, que, geralmente, ainda não se interessa por outras literaturas, mas que também atrativa para o público adulto, ao leitor crítico, maduro intelectualmente. Se a literatura infantojuvenil anteriormente era conservadora e transmitia passividade às crianças, como afirma Marisa Lajolo, hoje é emancipadora:



É possível considerar, por exemplo, que a literatura infantil mais antiga era conservadora, porque inculcava comportamentos e atitudes de passividade nas crianças, preconizava obediência aos pais e submissão aos mestres. Mas a partir de tais considerações sugerir que tal literatura seja pernicioso porque a criança não é, por natureza, nem passiva, nem obediente, nem submissa, é erro grave, pois supõe que as *crianças sejam por natureza alguma coisa*. O engano é o mesmo que ocorre em similares formulações relativas à “natureza” das mulheres, negros e índios, enfim dos outros das definições binárias e simplistas. Pois *ninguém, nem nada, vai muito além de sua circunstância*. Mas, criada a criança, eis que ela se transforma em jovem. Não foi muito antes dos anos cinquenta que chegou ao Brasil a ideia de que a juventude (adolescência) constitui faixa etária determinada, com comportamentos, hábitos, sentimentos e problemas específicos, distintos dos problemas, hábitos, sentimentos e comportamentos de criança e de adulto (1997, p.27). (Grifo da autora).

Como percebemos, atualmente, procura-se retratar o cotidiano do jovem de forma que suas ações gerem reflexão, é o que propõe Orthof no livro, pois, fala sobre a vida tal como ela é no cotidiano, perdurando a adolescência nos anos seguintes aos quinze anos, como a proposição do renascimento e da esperança.

Percebemos também que seu colar de pérolas, ao ser quebrado, significa a transição para uma nova vida, mais verdadeira, mostra que o rompimento dos laços do casamento e da amizade com sua ex-amiga não representou uma perda derradeira, pelo contrário, fê-la livrar-se das falsidades: falsa amiga, falso marido, falso colar. Segundo Chevalier e Gheerbrant:



[...] o colar pode significar uma função, uma dignidade, uma recompensa militar ou civil, um laço de servidão: escravo prisioneiro, animal domestico (coleira).

De modo geral, o colar simboliza o **elo** entre aquele ou aquela que o traz e aquele ou aquela que o ofertou ou impôs. Nessa qualidade, liga, obriga, e se reveste, por vezes, de uma significação erótica. (2001, p.263). (Grifo do autor).

Quando casou novamente, ao contrário da fase do seu casamento anterior, ela viveu algo verdadeiro representado pelo par de brincos, agora sim, de pérolas verdadeiras.

A pérola, como significação, marca a feminilidade, mas não no primeiro colar que ela tinha porque era falso e também representava servidão. Segundo Chevalier e Gheerbrant pérola é:

Símbolo lunar, ligado à água é à mulher. [...] é o símbolo essencial da feminilidade criativa. *O simbolismo sexual da concha lhes comunica todas as forças que implica; enfim, a semelhança entre pérola e o feto lhe confere propriedades genéticas e obstétricas; desse triplo simbolismo – Lua, Águas, Mulher – derivam todas as propriedades mágicas da pérola: A pérola é rara, pura, preciosa. Pura porque é reputada sem defeito, porque é branca, porque o fato de ser retirada de uma água lodosa ou de uma concha grossa não a altera. Aproximamo-nos aqui da noção de pérola escondida em sua concha: tal como acontece com a verdade e o conhecimento, sua aquisição necessita de esforço. (2001, p.711-712). (Grifo dos autores).*

Identificamos também que Violeta, com seu jeito adolescente de ser, não apresentava características inconsequentes e tempestuosas com os



abalos que sofria, levava a vida dessa maneira porque era a forma de ela ser feliz. Não deixava de lado suas responsabilidades. Aquilo que o seu ex-marido enxergava como defeito, na verdade poderia ser encarado como qualidade: “José vivia dizendo que eu não era bastante madura, que eu parecia uma garota de quinze anos, por dentro”. (ORTHOF, 1997, p.16). Percebemos que Violeta não poderia ser considerada errada em suas atitudes porque era a forma que ela encontrava para viver melhor, no entanto, compreendemos que Violeta não estava errada, era a pessoa que estava ao lado dela que não era a pessoa certa. Na troca das pérolas falsas para as verdadeiras percebemos a mudança, a interpretação para a maturidade e consequente felicidade. Violeta, ao relatar seus setenta e cinco anos, ouve a música de Luiz Gonzaga e percorre outros horizontes no pensamento, a forma como ela conta, leva-nos a entender que ela estava em devaneio, imaginando outras coisas além do real, via-se em outro lugar, com outras pessoas, outros seres,

Sugiram bichos, jericos, borboletas, cachorros, onças, tudo dançava. Olhei pro lado, vi uma moça [...]. Olhei melhor, firmei a vista, vi a moça transparente. Dentro dela, eu enxerguei um bebezinho, quase pronto para nascer. E como era possível [...]? Isso aqui é o céu? (ORTHOF, 1997, p.57).

Situação levada pela arte, pela música e que é interrompida quando Leonardo fala que ela queimou o pudim, novamente. Podemos estabelecer uma possível ligação com o universo místico, com a chegada da velhice e a memória de longo ou curto termo começa a pregar peças.





2.4 Aspectos estruturais da obra

O enredo de uma obra corresponde a um plano de organização caracterizado por determinadas estratégias discursivas, especificamente literárias do texto narrativo. Essa organização se constitui por diversos elementos de enfoque particular dentro de uma narrativa, e são responsáveis por enraizar a ficção na realidade e, ao mesmo tempo, instaurar o mundo. A forma de organização do enredo utilizado pela autora constitui a verossimilhança, esta, segundo Cândida Vilares Gancho:

É a lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; é, pois, a essência do texto de ficção.

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. (2001, p.10).

Na leitura de “Meus vários quinze anos” o leitor se reconhece como um ser que vivencia e sofre momentos ora de alegrias ou de frustrações, como é a vida, por isso a obra é interessante, isto é, é verossímil. Gancho afirma ainda que “[...] é preciso compreender o elemento estruturador: o conflito” (Idem, p.10). “[...] Que determina as parte do enredo” (Idem, p.11) que são; a exposição, a complicação, clímax e desfecho. Na obra essas partes se apresentam da seguinte forma: os fatos são expostos por Violeta, que narra como foram seus primeiros quinze anos; a complicação se estabelece quando ela descobre a traição. O clímax é caracterizado e



descrito no momento do encontro entre a esposa traída, o marido com a nova esposa que era a ex-amiga, no concerto. E o desfecho é constituído com Violeta, aos setenta e cinco anos de idade, vivendo, tranquilamente, seu casamento com Leonardo.

Podemos destacar também enredos diferentes dentro de cada período de quinze anos contados. Se considerarmos cada narração em particular, é possível dizer que poderiam ser estudados os enredos de cada quinze anos, cômодas as peculiaridades estruturais e significativas.

Segundo Beth Brait (2000, p.41), a personagem é um dos elementos estruturais essenciais ao romance, é um ser fictício e componente básico da narrativa. Pode ser classificada como plana ou redonda. Podemos dizer que a personagem narradora, Violeta, na obra, é constituída como redonda, porque possui uma complexidade que leva a surpreender o leitor. Para Brait (p. 41), as personagens redondas, “São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano”. Na obra, vemos a personagem como representação da evolução, ela se transforma ao longo da narrativa e não permanece imune às mudanças na história. “Deixei brotar a minha independência financeira, [...]. Cá estou eu, nos meus sessenta anos, feliz da vida, trabalhando...[...] Hoje, penso diferente: [...] fiquei mais companheira do meu marido (ORTHOFF, 1997, p.25-36-37). Compreendemos que a personagem Violeta se caracteriza como personagem principal e narradora, pois, pertence à história e participa inteiramente dos acontecimentos do enredo.

Antonio Candido estabelece:





[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. (1964, p.24).

Compreendemos que a personagem presente na narrativa produz vida ao enredo porque é caracterizada como um ser que completa o sentido da história por meio dos acontecimentos vividos pela mesma.

O narrador de uma obra não é o autor, é um papel em que o mesmo inventa. O narrador é um ser independente dentro de uma narrativa, o eu que fala em uma narrativa literária não é o eu do escritor, é uma entidade ficcional que nos fala, mesmo em uma narrativa em primeira pessoa. O autor de uma obra literária é um ser real, o narrador é um ser inventado por ele, cabe-nos analisar a tipologia do narrador dentro de uma narrativa. Podemos dizer que o narrador da obra “Meus Vários Quinze anos” pode ser classificado como narrador personagem protagonista porque quem narra a história é a personagem Violeta e fala sobre si mesma: “Meu nome é Violeta [...]” (ORTHOFF, 1997, p.09).

Para Gancho, o narrador personagem: “[...] é aquele que participa diretamente do enredo [...]” (2001, p.28). O narrador protagonista é uma variante do narrador personagem, “[...] é o narrador que é também o personagem central”. (Idem, p.29). Na obra temos o narrador como personagem, que está diretamente ligado aos fatos da história.



Quando falamos de tempo em uma obra, podemos levar em conta o andamento em que ocorre a narrativa. O espaço é a localidade tanto tópica quanto utópica. A temporalidade dentro da obra pode ser classificada como passado, presente e futuro. No decorrer da obra, percebemos que Violeta estava em um tempo presente contando sobre seu passado. Ela estava com setenta e cinco anos e reviveu, memoristicamente, os seus vários quinze anos anteriores. O tempo segue, cronologicamente, e no último capítulo percebemos que ela está contando algo que aconteceu na sua vida passada. A temporalidade na obra se constitui como linear: “Depois de muitos anos de convívio, [...]” (ORTHOF, 1997, p.27). Dessa forma, o tempo cronológico se destaca na obra porque a narrativa se desenvolve de forma linear, mas, ao mesmo tempo a história trata de recordações. Violeta conta sua vida, o que torna possível destacar também o tempo psicológico, porque Violeta relembra acontecimentos passados, na ordem cronológica, o que nos permite afirmar que há o tempo linear dentro do psicológico. Em “Discurso da Narrativa” Genette (*apud* CAMPATO 2010, p.06), assegura que estudar “[...] a ordem temporal de uma narrativa é confrontar a ordem de disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou segmentos temporais na história”. Violeta estava em um tempo e contando o que já tinha ocorrido anteriormente, fatos que estavam em seu pensamento, percebemos o tempo no discurso narrativo de forma psicológica e o tempo da história constituído como cronológico.

Segundo, Jorge Luis Borges (*apud* HUNHOF, 2010, p.22), “[...] a essência do tempo é haver um antes sucedido de um depois, então, o que



dizer de um instante que não teria precedentes, que não seria sucessão de um instante anterior”. Para Hunhoff (2009, p.22), “O próprio tempo parece um aspecto desintegrador qualitativo de energia: como uma onda na praia que se desloca para o mar. Visto dessa forma, o tempo pode ser chamado linear, pois flui irreversível em direção à morte”.

O espaço, para Gancho (2001, p.23), “[...] é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. O espaço tem como função principal situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens”. Identificamos o espaço físico, na obra, como a casa descrita e o teatro. É importante também considerar a época em que se passa a história, esta se contextualiza em meados do Século XX, quando a mulher buscava sua emancipação social. “Ai, como prezo minha liberdade econômica! [...]. Se você pensa que sou feminista, acertou: porque, no tempo dos meus quinze anos a coisa era brava”. (ORTHOFF, 1997, p.36-37). Vivera em uma época em que ainda não havia o divórcio no Brasil, e a mulher separada era vista como ‘deixada/largada’; assim a narradora mostra que, independentemente dos valores e dogmas sociais, a mulher poderia reconstruir sua vida e buscar a felicidade.

Conclusão

Em nosso estudo percebemos o quanto a literatura é uma fonte inesgotável de leitura, motivadora de prazer e de conhecimento.





A literatura infantojuvenil, quando inserida no Ensino Fundamental, proporciona o envolvimento do aluno com o meio literário, antes dele ter contato com leituras complexas, assegurando a gradativa percepção mental, fato que pode fazer com que os alunos leiam essas obras nos anos subsequentes não como obrigação, mas com consciência da importância da literatura que é instrumento de conhecimento e de cultura.

Quando analisamos a obra “Meus Vários Quinze Anos”, foi-nos possível perceber a importância da literatura em relação ao exercício da leitura reflexiva, pois, ao realizarmos a crítica a uma obra literária infantojuvenil, compreendemos a riqueza presente na literatura. Na representação da arte e da cultura do contexto do séc. XX, a personagem Violeta transmite um positivo posicionamento diante dos vários acontecimentos da vida. A obra é uma fonte de interpretação, é lúdica e transmite informação. Ao refletirmos sobre o conteúdo da obra, percebemos características que nos levam a olhar para a realidade com um viés mais crítico, como, por exemplo, a questão da adolescência, que, por muito tempo não foi vista como ocorre atualmente. E também o assunto da mulher na sociedade, em meados do século XX, época em que a mulher era presa aos ideais do machismo e a determinados preconceitos. Entendemos que os pontos destacados na obra proporcionam uma visão que vai além do que está escrito, levam-nos a refletir aspectos diferentes e interessantes, tal como a pérola falsa e a verdadeira, cujo significado é marca da feminilidade e de fidelidade. Também as outras metáforas, como o pudim e o colar que proporcionaram informação em relação às diversas interpretações que



determinadas palavras podem exercer, dependendo do contexto em que são inseridas.

Referências

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Disponível em:
<<http://www.faroldoconhecimento.com.br/livros/Educa%C3%A7%C3%A3o/PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia.pdf>>.

Acesso em: 28 set. 2014.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em:
<<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01//409660.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2014.

CANDIDO, Antonio. et. al. **A Personagem de Ficção**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1964.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.





GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

CAMPATO JÚNIOR, João Adalberto. Apontamentos sobre a Categoria do Tempo em Textos

Narrativos. São Paulo: 2010. Disponível em:

< <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista9/pdf/artigos/01.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2014

GUIMARÃES Elzimar Campos. **Reflexão sobre a velhice**. Juiz de Fora: 2007. Disponível em:

<http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/reflexao_sobre_a_velhice.pdf>. Acesso em: 28 set. 2014

HUNHOFF, Elizete Dall'Comune. **Tempo e Identidade: Estudo da Poética de Florbela Espanca e Cecília Meireles**. Cáceres: Unemat, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERAN, Regina. **Literatura infantil brasileira histórias e histórias** 6 ed. São Paulo: Ática, 2006

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTHOF, Sylvia. **Meus Vários Quinze Anos**. 3 ed. São Paulo: FDT, 1997.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil voz da criança**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

ZILBERMAN, Regina. **Como e Porque Ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

Este texto é de responsabilidade de seu (s) autor (es).

